

Inteligência artificial como ferramenta para (re)contar o passado: entre o fascínio e a dissimulação¹

Flávio Lins²

Maria Helena Carmo³

Ricardo Ferreira Freitas⁴

Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

RESUMO

O objetivo deste artigo é analisar como as representações do passado estão sendo impactadas pelas imagens sintéticas produzidas através da inteligência artificial generativa, que conferem um “novo” design à história, privilegiando modelos e olhares dessas ferramentas e dos bancos de dados que lhe dão suporte. Por meio da análise de conteúdo de Bardin (2016) aplicada a vídeos de três canais do youtube dedicados à história, foi possível observar que a reescrita do passado, a partir dessas ferramentas, pode servir para reembalar e reapresentar velhos projetos de colonização, consolidando estereótipos.

PALAVRAS-CHAVE

Passado; Representação; Imagem; Audiovisual; Inteligência Artificial Generativa.

INTRODUÇÃO

Barbosa (2019), ao abordar a temporalidade do contemporâneo, define como tempos midiáticos, caracterizados pelo domínio do presente em um mundo acelerado e sinalizado pela instantaneidade e o imediatismo, cuja velocidade produz um “vazio de passado”, compensado por operações de memória, evocando uma série de lembranças nos meios de comunicação, “projetos que comemoram sem cessar múltiplas datas” (Barbosa, 2019; Sarlo, 2005) e pessoas. Nesse contexto, revisitar o

¹ Trabalho apresentado no GP 30 - Tecnologias e Culturas Digitais, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Flávio Lins Rodrigues. Professor da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora. Pós-doutorando na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Doutor em Comunicação pela UERJ e La Sapienza, mestre em Comunicação pela UFJF, pós-graduação em Globalização, Mídia e Cidadania pela UFJF, graduação em Jornalismo e em Direito. flavio.lins@ufjf.br

³ Maria Helena Carmo dos Santos. Pós-doutoranda em Comunicação (UERJ). Doutora em Comunicação (UERJ), mestre em comunicação e cultura (Eco-UFRJ), graduação em Relações Públicas (UERJ) e em Letras (UFRJ). Professora do Centro Universitário Hélio Alonso. Pesquisadora da Uerj (bolsa PAPD 2024-2026). mhcarmo@yahoo.com.br

⁴ Ricardo Ferreira Freitas. Professor Titular da Faculdade de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Doutor em Sociologia pela Université Paris V (René Descartes). Bolsista PQ2 do CNPQ e Cientista do Nosso Estado da Faperj. rf0360@gmail.com

passado torna-se uma possibilidade evolutiva importante (Almeida, 2020), já que viabiliza a elaboração de novos significados. E, na era digital, em que revoluções tecnológicas diárias impactam sobre como as identidades são elaboradas, negociadas e preservadas, uma enxurrada de representações afeta a maneira como compreendemos o mundo.

Ribeiro e Alzamora destacam que a inteligência artificial possibilita “técnicas cada vez mais sofisticadas e populares de manipulação de som e imagem” (2023, p.14). Através do status de verdade dessas produções se delineia uma consistente indústria criativa em diálogo com a indústria cultural (Santaella, 2023; Caramiaux et al, 2019). Dessa forma, como o uso de IA vem acontecendo em canais de História? Como cenários e personagens são apresentados? Que narrativas surgem?

METODOLOGIA

Temos como base a revisão de literatura e uma análise qualitativa, utilizando elementos da análise de conteúdo (Bardin, 2016), buscando compreender o significado e identificar padrões ou tendências presentes nas imagens dos vídeos, observando como as IAs vêm sendo utilizadas como ferramentas de produção do passado.

São três etapas simplificadas: 1) pré-análise, baseada em selecionar, organizar e assistir os seguintes vídeos de canais do youtube - César vs Pompeu (@HistóriasRomanas); O Segredo da Torre de Babel (@HistóriasepicasBíblia); e Teodora de Bizâncio (@SegredosdaHumanidade); 2) exploração do material, selecionando as unidades para a codificação; 3) e categorização, levando em conta critérios expressivos das imagens selecionadas, como figuras humanas e cenários.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O referencial teórico abrange textos sobre temporalidade e inteligência artificial, das pesquisadoras Marialva Barbosa e Lucia Santaella, indústria criativa, com os autores Baptiste Caramiaux et. al. e Neil Gabler, em uma articulação entre identidade cultural, racismo algorítmico e estrutural, a partir da leitura de Tarcízio Silva e Sílvio Almeida.

CONTRIBUIÇÕES DA PESQUISA

Todos os vídeos analisados trazem homens brancos e musculosos, mulheres sensualizadas, trajando roupas impecáveis. Entre os inimigos e as pessoas escravizadas predominam as de pele mais escura e corpos magros. A narrativa, épica, sem espaço para o contraditório, é reforçada por imagens realistas, ou seja, que buscam representar o mundo de forma precisa, e realistas estilizadas, com elementos alterados a fim de intensificar a produção de sensações, mas sem abrir mão do realismo.

Observa-se, portanto, que o “novo” design da história, com suas imagens férteis em detalhes (e interesses diversos), vem consolidando imaginários a partir de representações algorítmicas, baseadas em sistemas que “se apropriam e reempacotam a produção a intelectual e artística humana em grande escala” e que podem estar resgatando e normalizando as “piores crenças do racismo científico do século XIX” (Silva, 2022).

CONCLUSÃO

O passado é reembalado com características atrativas, que fascinam, mas se convertem em universos assépticos aos dramas humanos de diferentes sociedades, com narrativas que privilegiam as sensações em detrimento das informações. O entretenimento torna-se palavra de ordem, a história, um show (Gabler, 1999).

As características e o olhar eurocêntrico sobre a história antiga são evidenciados neste breve levantamento sobre imagens produzidas por IA a partir de diferentes ferramentas, revigorando velhas ideologias e projetos colonizadores, através de representações imagéticas e sonoras nada inocentes.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra: 2020.

BARBOSA, Marialva. Tempos midiáticos: passado, presente e futuro em modos narrativos. **Revista Brasileira de História da Mídia**, v.8, p.25-37, 2019. Disponível em: <https://revistas.ufpi.br/index.php/rbhm/article/view/9297>. Acesso em: 10 abr. 2025.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

CARAMIAUX, Baptiste; LOTTE, Fabien; GEURTS, Joost. **AI in the media and creative industries**. [Europa]: New European Media, 2019. Disponível em: <https://arxiv.org/pdf/1905.04175>. Acesso em: 10 abr. 2025.

GABLER, Neil. **Vida, o filme**: como o entretenimento conquistou a realidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

RIBEIRO, Diego Melo; ALZAMORA, Geane. **Porque a inteligência artificial interessa à comunicação**. In: Santaella, Lúcia. Pensar a inteligência artificial: cultura de plataforma e desafios à criatividade. 1. ed. Belo Horizonte: Selo PPGCOM, 2023. v. 1.p. 09-18.

SANTAELLA, Lucia. **Pensar a inteligência artificial** [livro eletrônico]: cultura de plataforma e desafios à criatividade. Organização [de] Daniel Melo Ribeiro e Geane Alzamora. Belo Horizonte: Fafich/Selo PPGCOM/UFGM, 2023.

SARLO, Beatriz. **Tempo presente**: notas sobre a mudança de uma cultura. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.

SILVA, Tarcízio. **Racismo Algorítmico**: inteligência artificial e discriminação nas redes digitais. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2022.